

O valor da comunidade em um mundo que só fala de indivíduo

por João Guilherme Oliveira Silva

Nos últimos anos, o discurso do “faça por você”, “seja sua melhor versão” e “vença sozinho” conquistou força em todo o mundo ocidental. Impulsionado principalmente pelas redes sociais, pelo mercado e pela lógica do desempenho, esse tipo de discurso gerou um conceito de que cada um deve se bastar, o que fez levar a coletividade a ser vista como um “peso”. O foco é sempre o “eu”: minha carreira, minha produtividade, minha felicidade, meu sucesso.

Esse estilo individualista parece natural e aceito pela maioria nos dias de hoje, entretanto é consequência de uma construção histórica. No pensamento ocidental moderno, a pessoa é colocada no centro de todas as coisas, ela é quem decide, ela consome, ela se realiza. A liberdade acaba virando um sinônimo de independência. E isso se reflete principalmente nas relações: mais gente mora sozinha, evita vínculos profundos e prefere escolher vínculos temporários em vez de vínculos mais duradouros. A solidão, antes vista como um problema, virou, infelizmente, quase uma forma de status.

Ao contrário disso, muitos modelos de vida não ocidentais (como o de diversas comunidades africanas e indígenas) seguem uma lógica bastante diferente das ocidentais. Nesses contextos, o coletivo vem bem antes do pensamento individual. O bem-estar de uma pessoa está diretamente ligado ao bem-estar do grupo como um todo. Ser alguém não é algo que se conquista sozinho apenas, mas também que se constrói na relação com os outros do clã, com a natureza e também com os ancestrais. A ideia de “comunidade” não é apenas geográfica, mas também simbólica, prática e, principalmente, afetiva.

Isso não significa idealizar esses grupos ou negar que existam conflitos e problemas neles, mas mostra que o jeito ocidental de viver (centrado principalmente no indivíduo) não é o único possível de existir, além de que, talvez não seja o mais saudável, pois, nos últimos anos, estudos têm enfatizado que o excesso de individualismo está diretamente ligado ao aumento de casos de ansiedade, depressão, isolamento social e esgotamento. O que era vendido como liberdade, infelizmente, muitas vezes, se transforma em uma solidão.

Ao mesmo tempo que, em momentos de crise que foram citadas, é a ideia de comunidade que reaparece como uma saída ou uma solução. Durante a pandemia, por exemplo, muita das vezes foram os vizinhos, os amigos de bairro e associações beneficentes que ajudaram muitas pessoas a sobreviver nesses momentos de crise. Em tragédias climáticas, como as enchentes que causaram uma crise no Rio Grande do Sul, foram as redes comunitárias que socorreram

primeiro, antes da ajuda oficial.

A cultura digital também contribui com esse paradoxo. Por um lado, promove uma superexposição do indivíduo: todos conseguem se promover, construir sua imagem, vender sua marca pessoal, entretanto, por outro lado, cria bolhas, desinformação e a falsa impressão de conexão. Essas redes prometem, principalmente, comunidade, mas oferecem likes, visibilidade, mas não pertencimento. E assim, mesmo com tanta “conexão”, nunca as pessoas estiveram tão sozinhas.

Resgatar o valor real da comunidade não é voltar no tempo ou rejeitar a autonomia por completo, mas é reconhecer, também, que o ser humano é, por natureza, relacional, basicamente ninguém se forma sozinho. As conquistas individuais, por mais legítimas que sejam, são sustentadas por redes que não são enxergadas de apoio, cultura, afeto e história. E que a vida, mesmo que em comum, apesar dos conflitos, é o que dá o real sentido à existência.

Ter um pensamento voltado em um sentido de comunidade também é repensar prioridades. Em vez de competir o tempo todo, colaborar, acumular, compartilhar, buscar só o próprio conforto, pensar no impacto coletivo das ações. E isso vale para todas as áreas da vida, do modo como as pessoas consomem e também à forma como se relacionam. Não é uma utopia, é uma necessidade prática, em um mundo em constante colapso climático, com desigualdade crescendo exponencialmente e crises sociais cada vez mais intensas, nenhuma solução será eficaz se for pensada de forma isolada e individualista.

O desafio, portanto, consiste em as pessoas aprenderem a se relacionar umas com as outras, e isso não se ensina apenas de forma teórica, mas também por meio da experiência, da escuta e da disposição para o diálogo. Em vez de encorajar a ideia de que cada indivíduo deve triunfar sozinho na vida, talvez seja o momento apropriado para que as pessoas recordem que ninguém alcança vitórias isoladamente. O verdadeiro avanço, ao contrário, está em avançar junto com os outros. Comunidades indígenas e africanas, que há muitos anos mantêm e praticam modos de vida fundamentados na interdependência, no cuidado mútuo e na conexão coletiva, demonstram que existem outras formas de existir que são viáveis e continuam a ter relevância, mesmo frente a várias tentativas de apagamento em sua história. Aprender com essas maneiras de viver não é idealizá-las, mas sim reconhecer que, em um mundo doente causado pelo excesso de individualismo, existem sabedorias que persistem, mesmo que de forma silenciosa.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CABRAL, Károl Veiga. O momento atual da Sindemia. In: Fundação Oswaldo Cruz. *Curso Nacional de saúde mental e atenção psicossocial na Covid-19*. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2022/07/Cartilha-01_Curso-Saude-Mental-Fiocruz_Modulo-1_.pdf. Acesso em: 12 jul. 2025.

United Nations Educational and the Regional Office for Education in Latin America and the Caribbean. *Indigenous Knowledge and practices in Education in Latin America: exploratory analysis of how indigenous cultural worldviews and concepts influence regional educational policy* 2017. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247754_eng. Acesso em: 12 jul. 2025.



*Existo a partir de múltiplas existências
(Pictograma do alfabeto da língua Ndébélé que significa unidade, união)
por Carlos Pereira, 2025*